

UMA TENTATIVA DE INVESTIGAÇÃO ETIMOLÓGICA DO VERBO «HAVER»

O verbo *haver* tem o seu quê de misterioso. Em primeiro lugar, notemos que tão bem se disfarça quando se aglutina a outro verbo, que é quasi preciso génio para o descobrir. Lembremo-nos do que succedeu com a descoberta feita pelo humanista hespanhol António de Nebrissa, da formação do futuro românico (nas linguas em que é formado com o verbo *haver*) e das dificuldades que houve na adopção das suas ideas ⁽¹⁾. Pois ainda não há muito, havia recalcitrantes, por exemplo, o célebre autor da «Fascinação de Gulfi», o professor Bergmann, que sustentava não serem os futuros nem os condicionais formados com o verbo *haver*, mas que provinham do pretérito perfeito latino ⁽²⁾.

Outro exemplo. Tem o perfeito de *andar*, em espanhol (*anduvo*) o verbo *haver* aglutinado? Parece que tem; no entanto, há opiniões em contrário ⁽³⁾.

(1) Adolfo Coelho. Teoria da Conjugação em latim e português, pag. 116.

(2) Bergmann — Cours de Linguistique, Paris, 1876, pag. 222.

(3) P. ex. Commerlan y Gomez — Grammatica Comparada de las lenguas Castellana y Latina, Madrid, 1889, pag. 153.

Mas, em segundo lugar, tem outra singularidade bem curiosa. O verbo *habere* latino, étimo dos vários verbos *haver* românicos (avoir, etc.) não tem etimologia conhecida. Parece que em sânscrito, em zend, em arménio, etc., se deveria encontrar um verbo correspondente na forma e no sentido, e tal não se dá. Mas ao menos, pensar-se há, o parentesco do latim *habere* com os germânicos *haben*, *haban*, etc., é evidente. Pois não é. Os filólogos só depois de muitas hesitações, e nem todos, admitem esse parentesco. Skeat ⁽¹⁾, põem em dúvida, Bréal diz: "é questão discutida se *habeo* é da mesma origem que o germânico *haban*; ainda que haja algumas dificuldades na correspondência das consoantes, o parentesco não nos parece duvidoso," ⁽²⁾. Wright ⁽³⁾ admite, e também Hirt ⁽⁴⁾, aludindo no entanto às dificuldades.

Questão obscura, portanto. No domínio germânico ainda aparecem verbos significando *haver* que talvez se possam relacionar com os de tipo *haben*—os verbos *eigan*, *agan*, etc., e talvez também o verbo grego ἔχω, *haver*, se possa ligar ainda à mesma família. É o que vamos ver.

(1) Skeat—A Concise Etymological Dictionary of english language, Oxford 1911 s. v. *have*.

(2) Bréal—Dict. Etym. lat. s. v. *habeo*.

(3) J. Wright—Historical German Grammar, 1907, 1.º vol. pag. 262.

(4) Hirt—Indogermanische Grammatik, vol. 1.º, 1927, pag. 335.

* * *

Os verbos principais que temos de reunir (abstraindo do velho islandês, etc.) podem distribuir-se por duas séries, uma contendo labial, outra gutural, conforme os quadros seguintes:

1. ^a série	latim <i>habere</i>	gótico <i>haben</i>	velho alto alemão <i>haban</i>	velho inglês <i>habban</i>
--------------------------	------------------------	------------------------	-----------------------------------	-------------------------------

2. ^a série	latim <i>ēxere</i>	gótico <i>aigan</i>	velho alto alemão <i>eigan</i>	velho inglês <i>agan</i>
--------------------------	-----------------------	------------------------	-----------------------------------	-----------------------------

Todos estes verbos têm o sentido de haver, possuir, e todos eles, com mais ou menos intensidade, têm servido de verbos auxiliares. E' o que vamos mostrar. Para os germânicos, apontemos, por exemplo, os do alto alemão, dos quais diz Bopp: além do auxiliar que se tornou no alemão moderno *haben*, serviram-se também do verbo *eigan* para os perfeitos perifrásticos, (1).

(1) Bopp — Grammaire Comparée des Langues Indo — Européennes, tr. Bréal, 3.^o, pag. 220.

Em latim, o verbo *habere* é que devia, como auxiliar, tomar maior extensão. Já em época antiga lhe aparece essa função (1).

Mas também em grego nos aparece o verbo ἔχειν, *haver*, como auxiliar. "A língua dos trágicos construe o particípio aoristo com o verbo ἔχειν. Assim em Antígona, v. 793: σύ καί τόδε νεῖκος... ἔχεις ταρᾶσας "tu é que excitas (tens excitado) esta questão", ou no Rei Édipo, v. 577: ἀδελφὴν τὴν ἐμὴν ἔχεις; "esposaste (tens tu esposado) a minha irmã?". Já há exemplos desta construção em Hesfodo (op. 42) e também aparece em prosa (Heródoto, 1,27; Thuc. 1,68. (2).

Eis um caso bem estranho. Estes verbos, que não teriam uma origem comum, viriam a tomar, independentemente, a função de auxiliares. Seria só pela circunstância especial de significarem *haver*, sendo então a função inerente ao sentido?

Não será mais lógico supor-se, para explicar essa singularidade, que os verbos tinham uma origem comum e que, tomando as funções de auxiliares, apenas desenvolviam virtualidades nela contidas? Se fosse possível encontrar a origem destes verbos, desapareceria a dúvida. Tentemos essa pesquisa.

(1) Meillet et Vendryes—Traité de Grammaire Comparée des langues Classiques, 1924, por 281.

(2) Meillet et Vendryes, id. pag. 213.



Parece haver identidade de funções nos verbos *ser* e *haver*. Fóra do domínio indo-europeu, o verbo *haver* traduz-se por *ser*, em grande número de línguas quando falta o verbo *haver*, mesmo nas mais antigas. Em assírio traduz-se *i su u* por *é e tem (ist und hat)* ⁽¹⁾; Em hebraico o verbo *haver* não existe. É substituído pelo dativo precedido do verbo *hajah* ⁽²⁾ *ser*, etc. e da mesma forma em árabe, o verbo *haver* é substituído por *ser* com dativo. P. ex. Eu tenho duas casas—*Andi zandj diar* ⁽³⁾. Até em línguas de povos selvagens se encontra este estado.

Passando ao domínio indo-europeu, vamos encontrar o verbo *ser* substituído a *haver* e reciprocamente. O latim pôde exprimir a idéa de posse com o verbo *ser*. *Est mihi* traduz-se por eu tenho, eu possuo.

Por sua vez o verbo *haber* traduz-se em certos casos por *ser* ⁽⁴⁾.

O verbo ἔχω, "eu tenho", acompanhado dum advérbio, corresponde ao verbo *ser* ⁽⁵⁾, e o verbo εἰμί, eu sou, com dativo, é vertido por *haver*.

(1) Rosenberg — Assyrische Sprachlehre und Keilschriftkund (A Hartleben's Verlag), pag. 163.

(2) Shilling — Nouvelle Méthode pour apprendre facilement la langue hébraïque, 1895, pag. 158.

(3) Cherbonneau — Dict. Fr. Arabe, 1872 s. v. avoir.

(4) Collar — The Gate to Cæsar, 1898, pag. 102.

(5) Sommer — Cours Complet de Grammaire Grecque, pag. 332.

A propósito do francês, diz Villemain: "uma singularidade que parece moderna ainda, é o emprego impessoal do verbo *haver* pelo verbo *ser*. Encontram-se também vestígios disso na velha língua latina ⁽¹⁾).

Também, ainda em francês, os auxiliares *avoir*, e *être* são, em certos casos, dum uso subtilíssimo, havendo dificuldade em se saber qual deles empregar, e o mesmo se dá em alemão com os verbos *haben* e *sein*.

Em sânscrito, o verbo *bhu* "ser" tem, além de "ser", "existir", "produzir", "pertencer", "nascer", a significação de "obter", bem vizinha de "ter", "haver" ⁽²⁾.

Pelos factos expostos se vê, pois, a identidade dos verbos significando "haver" e "ser". Se admitissemos que na língua comum, o primitivo indo-europeu, se dava o mesmo, ou ainda que o verbo significando *ser* significasse também *haver*, teríamos encontrado no verbo *ser* a etimologia de *habere*, *haben*, etc.

Verbos com a significação de *ser*, em indo-europeu sabe-se que teríamos sido *es e *bheuwa. Este último, em sânscrito e zend, apresentava formas que, à primeira vista, têm semelhança com formas dos verbos *habeo*, *haben*, etc.

⁽¹⁾ Villemain — Cours de Littérature Française, 4.^a ed. 1820, pag. 596.

⁽²⁾ Burnouf — Dict. Classique Sanscrit — Français, s. v. *bhu*.

Vejamos o presente (omitimos o dual):

SÂNSCRITO

ZEND

Singular

bhavâmi

bavâmi

bhâvasi

bavahi

bhâvati

bavaiti

Plural

bhavâmas

bavâmahî

bhâvata

bavata

bhâvanti

bavainti

Imaginemos por um momento, o que não é legítimo, as formas sânscritas sem *b*. Teríamos:

havâmi

hâvasi

havati etc.

formas semelhantes, evidentemente, às de *habeo*, etc.

Foram estas semelhanças e as considerações que precedem, que nos levaram à nossa hipótese. Tivemos, porém, de a modificar, em virtude das dificuldades de fazer tornar o *bh* em *h*.

Essa transformação de *bh* em *h* não era impossível. "Algumas vezes, diz Bopp, o *h* é um

destroço duma letra aspirada, e exemplificava com *mi-hi* que se póde comparar à forma *bhyam* ⁽¹⁾.

Também Schleicher aceitava esta transformação, embora a julgasse muito rara, juntando, contudo, aos exemplos dados por Bopp, o da palavra *horda*, que supunha provir de *bhar* ⁽²⁾.

A raridade do fenómeno obrigou-nos, sem abandonar a raiz *bhu*, a uma outra ordem de considerações, encarando mais de perto o problema.

Dá-se um caso nas línguas modernas dos grupos românico, germânico e eslavo que nos póde fornecer uma pista para a investigação que tentamos. É que o verbo *ser* em línguas dêesses grupos, com uma partícula designando lugar, toma o sentido de "haver". Exemplos. Em russo, na maior parte dos casos, traduz-se "haver" pelo verbo "ser" e o genitivo do possuidor, precedido da preposição *y* ⁽³⁾. Ora *y* é uma partícula de lugar, que os franceses traduzem por *chez* ⁽⁴⁾.

No inglês é bem conhecido o facto de que o verbo *to be* com a partícula de lugar *there*, se torna em "haver"; e idênticamente, em anglo-saxão há construção análoga com a partícula de lugar *her* ⁽⁵⁾.

(1) Bopp—Grammaire Comparée des Langues Indo-Européennes, tr. Bréal, I, pag. 66.

(2) Schleicher—Compendium der vergleichenden Grammatik der Indogermanischen Sprachen, Weimar, 1866, pag. 250.

(3) Fuchs—Nicolas—Nouvelle Gr. Russe, 4.^a ed. 1905, pag. 50.

(4) Fuchs—Nicolas—id. pag. 351.

(5) Sweet—An Anglo-Saxon Primer, Oxford, 1905, pag. 79 e 95.

Em alemão, para se traduzir o verbo impessoal "haver," se tem como complemento um nome de lugar, é preciso empregar-se o verbo *sein* seguido de nominativo. Ex.: Há muitos pássaros nesta gaiola, *es sind viele Vögel in diesem Käsig*. A circunstancia do nome do lugar tornou "ser," em "haver".

Em italiano, com as partículas de lugar *ci* e *vi* o verbo "ser," significa "haver". Ex.: *ci sono*, *vi sono*, há.

Estas construções em domínios diferentes postulam tendências antigas, autorizando a pesquisa em indo-europeu de factos análogos.

O problema põe-se, pois, de novo, com esta forma: Em línguas de grupos diferentes do indo-europeu, uma partícula de lugar acrescentada ao verbo "ser," transforma-o no verbo "haver". O serem os grupos independentes, indica que essas construções vieram da origem.

Trata-se, pois, de procurar no primitivo indo-europeu uma partícula de lugar que aglutinada ao verbo "ser," dê a base original das formas em labial *habere*, *haben*, *habban*, e as formas em gutural *eigan*, *agan*, etc.

Ainda mais: será a mesma partícula que se aglutina para as séries em labial e em gutural, ou serão diferentes para cada série?

Tentámos fazer da aglutinação duma só partícula com "ser," a base de todas as formas a estudar, encontrando, se não impossibilidades, algumas evoluções fortemente improváveis, que aqui não discutimos por nos parecer inútil. Assim, seguimos outro caminho: uma partícula agluti-

nada a "ser," para as formas em labial, e outra também aglutinada a "ser," para as formas em gutural.

* * *

O ilustre professor da Universidade de Oxford, Skeat, referindo-se à possibilidade de ligar *habere* a *haben*, etc., diz que, se proveem da mesma origem, a palavra indo-europêa progenitora seria **Khabh* ⁽¹⁾. A mesma opinião se encontra na Gramática Gótica de Friedmann ⁽²⁾, e também foi sustentada por Kluge ⁽³⁾, etc.

A surda aspirada *hh* não é muito freqüente em indo-europeu, mas existiu seguramente ⁽⁴⁾ e deu *h* tanto para latim como para germânico ⁽⁵⁾.

Ficam, pois, explicados os *hh* iniciais de *habeo* e *haben*. O *a* nos dois verbos póde provir dum *a* indo-europeu ou dum *schwa* ⁽⁶⁾. Resta-nos o *b* no verbo latino e no germânico, que parece estar em oposição com a lei de Grimm, e que com esta etimologia não está,

⁽¹⁾ Skeat — A Concise etymological Dictionary of english Language, Oxford, 1910, s. v. have.

⁽²⁾ Friedmann — Lingua Gotica, Milano, 1896, pg. 194.

⁽³⁾ Kluge — Urgermanisch, Strassburg, 1913, p. 10.

⁽⁴⁾ Hirt — Etymologie der Neuhochdeutsch Sprache, 1921, pag. 18.

⁽⁵⁾ W. Wilmans — Deutsche Grammatik Gotisch, Alt-Mittel-und Neuhochdeutsch, 1911, 1.º vol. pag. 77.

⁽⁶⁾ V. por ex. — Schrijnen-Einführung in das Studium der Indogermanischen Sprachwissenschaft, Heidelberg, 1912, pag. 244.

visto como a sonora aspirada *bh*, tanto em latim (quando interior) como em germânico, dá *b* ⁽¹⁾.

A etimologia **Khabh* é, portanto, perfeita. Mas o que é *Khabh*?

Apenas uma palavra forjada para a necessidade de dar uma origem comum ao verbo *habeo* e aos vários *haben*. Dissemos acima que o *a* destes verbos podia provir também dum *shwa* (ə) e nesse caso em vez de **Khabh* o étimo seria **Khbəh*—.

Posto isto procuremos dar uma realidade a essa palavra factícia.

Tentemos vêr se uma partícula de lugar, aglutinada ao verbo "ser", em indo-europeu, nos pôde dar essa forma **Khabh*—.

O latim *hic* provém do indo-europeu **gho*, **ghe*, segundo Brugmann ⁽²⁾, Walde ⁽³⁾, Hirt ⁽⁴⁾, etc., com a adição de **ke*, mas também se tem apresentado como seu étimo, a forma **kho* ⁽⁵⁾. Esta ultima forma, combinada com **bhewə* daria, quanto a nós, a base em questão.

Com efeito, uma forma feminina de **kho*, daria o termo feminino latino **ha*, a que se re-

(1) P: ex. — Carnoy-Grammaire Élémentaire de la Langue Sanscrite, Louvain, 1925, pag. 4.

(2) K. Brugmann — Abrégé de Gr. Comparée des Langues Indo-Européennes, tr. fr. 1905, pag. 657.

(3) Walde — Lateinisches Etymologisches Wörterbuch, 1910, s. v. *hic*.

(4) Hirt — Indogermanische Grammatik, III, 1927 pag. 12.

(5) Walde — ob. cit. s. v. *hic*.

fere Ernout ⁽¹⁾, e a partícula do velho-indico **ha* registada por Sommer ⁽²⁾.

Há, pois, formas com *a* que nos explicariam o *a* de *habere* e de *haben*. Ainda, como se crê que há uma base de alternâncias *a*, *o* breves também se poderia por esta via explicar os referidos *aa*. Mas, ainda outra hipótese, também nos poderia explicar o *a* no domínio latino e germânico, admitindo **Khobh-* em vez de **Khabh-* e neste caso o *shwa* proviria da alternância *a: e*: *shwa* (sendo o *a* e o *e* longos), base pesada. Sabemos que uma vogal final (neste caso o *o* de *Kho*) diante da consoante simples, flutuava entre a quantidade breve e a longa e da mesma forma as finais longas dos primeiros tempos dos compostos ⁽³⁾. E assim poderíamos ter formas em *o*, *e*, *shwa*, dando esta última formas em *a* nas diferentes línguas indo-europêas, como já vimos.

Registemos mais que assim como **gho* ou **kho* deram formas em *i* e em *a* (hic, hac) também se encontra no domínio itálico o verbo haver com *i* e *a* — em latim *habeo* e em osco *hipid*, *pruhipid*, *pruhipust*) ⁽⁴⁾.

Temos assim mostrado que as formas **Kha*

(1) Ernout — Morphologie Historique du Latin, 1914, pag. 124.

(2) Sommer — Handbuch der Lateinischen Laut- und Formenlehre, pag. 422. (Sommer também se refere à partícula *gha* do velho indico).

(3) Brugmann, id. pag. 151.

(4) Hirt — Der Indogermanische Vokalismus. 1921, pag. 44.

+ bh— ou *Khə + bh— dariam o étimo comum das formas latinas e germânicas do verbo haver.

A aglutinação a “ser” de prevérbio é, de resto, freqüentíssima. Além dos exemplos que a todos ocorrem, citemos esses factos linguísticos nas línguas eslavas ⁽¹⁾ e célticas ⁽²⁾, por exemplo.

As séries em gutural pôdem ser explicadas por outro prevérbio. Um se nos afigura nas condições semânticas e fonéticas de, unido a *bhewə- dar uma forma capaz de ser o étimo dêesses verbos.

Queremo-nos referir ao prevérbio *e, *o, significando “perto”, “tendencia para”, que só se encontra como preposição viva no indo-iraniano, sob a forma de *a* longo ⁽³⁾.

Em grego essa preposição aparece-nos algumas vezes sob a fórma de ε, p. ex. em ἐθέλω ⁽⁴⁾.

Na língua dos Vedas, êsse *a* (já vimos que em indo-iraniano *e*, *o*, toma a forma de *a*) liga-se freqüentemente a verbos, tomando o sentido de “near”, “towards” ⁽⁵⁾.

Também no velho persa “onde a soldadura do prevérbio e do verbo é completa ⁽⁶⁾”, lá aparece

⁽¹⁾ Berneker—Slavisches Etymologisches Wörterbuch, 1.º vol. 1913, pag. 113, 114, 216.

⁽²⁾ Pedersen—Vergleichende Grammatik der Keltischen Sprachen, 2.º vol. 1913, pag. 441.

⁽³⁾ K. Brugmann, ob. cit. pag. 491.

⁽⁴⁾ K. Brugmann, id. ibid.

⁽⁵⁾ A. A. Macdonell—Vedic Grammar, Strassburg, 1910 pag. 419.

⁽⁶⁾ A. Meillet—Grammaire du Vieux Perse, 1915, pag. 131.

entre os poucos preverbios conhecidos, com a significação do francês "vers,,.

Temos, pois, um antiquíssimo prevérbio, envolvendo a idêa de lugar e que ligado a "bhewə— (a sua junção a *bhewə é tão freqüente em indo-iraniano, que muitas vezes o prevérbio aparece só, ficando o verbo subentendido) daria na língua comum *obhewə ou ebliewə, e qualquer destas formas daria ainda, quanto a nós, o étimo dos verbos em gutural que vimos estudando.

A permuta de labiais com guturais é matéria já muito conhecida e discutida e tem servido até para sôbre ela se architectarem teorias filosóficas acerca da origem da linguagem. André Lefèvre, p. ex. no seu belo livro (se bem que atrazado) *Les Races et les Langues*, assim se refere a essa permuta: "Vê-se bem, em rigor, que houve luta entre a tendência gutural e a emissão labial... essa conclusão será mais necessaria ainda se aproximarmos as palavras *boi, bos, bous, gaus, kuh, cow*, etc. (1).

Além das séries de gutural com apêndice labial, cuja sorte é bem conhecida, mesmo em outras se dá a luta com a tendência para a labialização, e também labiais manifestam a tendência para se guturalizarem. O próprio verbo "haver,, que estudamos, nos vai dar, nas línguas românicas, essa alternância de labiais e guturais que nos parece ter-se dado nos verbos do tipo *haban* e do tipo *agan*.

(1) André Lefèvre—*Les Races et les Langues*, Paris, 1893, pag. 10.

Já em português nos apareciam formas do conjuntivo como *haja*, etc. (que segundo Meyer-Lübke, parecem derivar-se antes de *haya* do que de *habeo* ⁽¹⁾) e no velho galego, na "Estoria troyãa," ocorre p. ex., *ajo* no presente do indicativo ⁽²⁾.

No provençal, porém, essa alternância é mais evidente. O verbo *aver* tem as formas curiosas, como p. ex. perfeito *aic*, *agui* (*aigui*) *aguert*, etc.; o condicional *agra*, *agras*, etc.; o particípio *agut* (*avut*). A perífrase forma-se com o mesmo verbo como *ai agut*, *avia agut* ⁽³⁾. No francês antigo vemos também por ex. *augrent* ⁽⁴⁾, mas no italiano e seus dialectos são numerosíssimas as formas em gutural. *Aggio* ainda conhecido pelos mais antigos escritores, diz Meyer-Lücke, cedeu o lugar à forma *ho*, tirada de *hai*, *ha*, e imitada de *sto*, *stai*, *sta*; os factos são mais complicados nos dialectos. Em primeiro lugar conservou-se em Tarento *aggu*, na Córsega *accu*, *akkyu* em Ajaccio, *agyu* etc., e, remata o eminente romanista que não se póde dizer com certêsa se estas formas proveem de *habeo* se de *hayo* ⁽⁵⁾. No entanto parece-nos que o grande Mestre se inclina para a última hipótese em virtude da sua opinião

(1) Meyer—Lübke—Gr. des Langues Romanes, tr. fr. 2.º vol. pag. 305.

(2) J. Cornu — Grammatik der Portugiesischen Sprache—1906, pag. 1025.

(3) Diez — Gr. des Langues Romanes, tr. fr. 1884, vol. II, pag. 184. V. Raynouard—Lexique Roman, 1844, vol. I, pag. LX-LXI.

(4) Diez, ob. cit. 2.º vol. pag. 220.

(5) Meyer—Lübke, ob. cit., II, pag. 302.

já exposta à-cerca do português (e do espanhol). E sendo assim, devemos convir que o *y* de *hayo* era fortemente guturalizado.

Diz Bourciez: "No Sul da Gália e desde o período romano, uma evolução do *w* em *gw* se produziu no interior das palavras, principalmente nos perfeitos latinos *habui* que passou para **abgwi*... (1)

Estaria assim explicada a gutural que aparece em várias formas de *aver*? A exemplificação com formas de *debeo*, não lhe reforça, evidentemente, a hipótese, pois que em *debeo* entra o verbo *habere* (de *hibeo* < de *habeo*) sendo, portanto, a mesma palavra.

Mas como explicar as formas sem *u* já citadas e as com *u* acentuado? Formações analógicas? Preferimos a evolução do *b* em gutural, regeitando essa forma meramente hipotética de **abgwi*.

Como quer que seja, o facto é que subsistem fórmulas como *avens* e *agut*. O resto são hipóteses mais ou menos falíveis. Notemos ainda que algumas vezes se insinua um *i* desenvolvido certamente pela gutural, como em *aigui*.

Posto isto, cingindo-nos aos factos, examinemos o aglutinado **abli* — que tínhamos achado. Para a explicação do *a* veja-se o que dissemos a-propósito do *a* de *haber* etc. Se em **abh* — a labial passa para gutural, temos **ag*, que por sua vez daria os verbos germânicos que nós pretendemos estudar *agan*, *aigan* (a intercalação

(1) Bourciez — Elements de Linguistique Romane, 2.^a ed. 1923, pag. 160 e pag. 326.

do *i* como em provençal, devido provavelmente à acção do *g*) *eigan*, e ainda o islandês *eiga*, etc.

Nesta ordem de ideias, não surpreenderá que pretendamos incluir o verbo ἔχω na série gutural de verbos significando "haver". Conhecemos as dificuldades duma semelhante tese, assim como conhecemos o que se pensa da etimologia deste verbo, formando, dalgum modo, opinião assente. Não queremos, contudo, afirmar que todas as formas do verbo provenham do mesmo termo. Já Bopp fazia derivar ἔχω da raiz *Vah* transportar, e as dificuldades de formas como στήσω resolvia-as invocando para elas a intervenção doutra raiz σχε de *sah*.

No entanto concedia que, desde que se considerasse ἔχω e στήσω como da mesma raiz, se admitisse que ἔχω está por σέχω, tendo perdido o σ inicial.

Victor Henry ainda seguia a opinião de Bopp de que ἔχω provinha de *Fεχω (transportar) ⁽¹⁾, e também a última edição do Dicionário Grego de Bailly ainda conserva esta etimologia ⁽²⁾.

Porém não é êsse o parecer dos filólogos modernos. Boisacq, p. ex. faz proceder êsse verbo de *segh* ⁽³⁾ e Meillet afirma que ἔχω nenhuma relação tem com *veho* ⁽⁴⁾. portanto com *Fεχω*.

(1) Victor Henry — Précis de Gr. Comp. du Grec et du Latin, Paris, 1888, pag. 66.

(2) Bailly—Dict. Grec Français, 1920, s. v. ἔχω.

(3) Boisacq—Dict. Étymologique de la Langue Grecque, s. v. ἔχω.

(4) Meillet — Int. à l'Étude Comparative des Langues Indo-Européennes, 1914, pag. 217.

Mas Bopp admitia como já dissemos a possibilidade de duas raízes, e uma opinião de Bopp é sempre de peso, e tanto mais, neste caso, quanto ele considerou também a possibilidade duma só raiz dar as formas todas.

Mas a nossa hipótese difere da de Bopp, porque, embora admitindo duas raízes para as formas de ἔχω, a primeira que supomos não é *vah*, mas sim *abh, tendo-se dado a conversão da labial em gutural, como em *agan*, etc. A raiz *bhu* sem prevérbio, deu, como se sabe, o verbo grego φύω. Com prevérbio teria dado uma forma em gutural, idêntica, por ex., à que se deu nas palavras ἔχισ ὄφης, ⁽¹⁾ que são, já o dizia Lefèvre, duplos da mesma raiz ⁽²⁾.

Ainda um caso interessante a estudar, e que aqui deixamos como simples interrogação: A gutural dos perfeitos gregos não seria um resto duma antiga aglutinação do verbo ἔχω?

A nossa hipótese de fazer derivar os diversos verbos “haver,” tanto em labial como em gutural de *bhewə com um prevérbio, ainda poderia responder à pergunta de Hirt; pode-se comparar o verbo gótico *aigans* com o velho indico *isanas*? ⁽³⁾

Parece que pôde. O velho sânscrito, língua de *satan* respondia á gutural com um s, e ao *a* das outras línguas, com um i, em certos casos.

⁽¹⁾ Menge—Griech—Deutsches Schulwörterbuch, 1903, s. v. ἔχισ.

⁽²⁾ A. Lefèvre, ob. cit. pag. 278.

⁽³⁾ Hirt—Dopellung Zusammensetzung Verbum, 1928, pag. 320.

O étimo *aik* que Hirt propõe para êstes verbos, no caso de relacionados, proviria do nosso *abh* com o *bh* convertido em gutural e tendo desenvolvido um *i*, como já dissemos,

Agora um esclarecimento: por que razão houve conversão de *bh* em gutural nas séries em que entra o prevérbio *o/e*, e não se deu isso nas séries de **kho* **khe*? A própria aspirada inicial impediria essa conversão nesta última série. Quando o *h* (proveniente de *gh*) se obliterou completamente, como, p. ex. no provençal, já se tornou possível a conversão, consoante os exemplos que demos de *abui*, *agui*, etc.